

O GAÚCHO A PÉ:
UM PROCESSO DE DESMITIFICAÇÃO

Elizabeth Rizzato Lara

1^a Parte

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se, inicialmente, fazer um estudo do mito atual. Para isto, pretende-se remontar ao mito arcaico e estabelecer as condições de aparecimento do mito, hoje; verificar se existem diferenças ou semelhanças entre um e outro e quais são elas. A finalidade desta primeira abordagem é a de possibilitar a análise das condições do aparecimento do mito do gaúcho, através de sua formação histórica.

Uma vez estabelecida a origem do mito do gaúcho, pretende-se destacar os aspectos que caracterizam este mito na literatura gaúcha, em romancistas considerados pela crítica como representativos da linha literária tradicional no Rio Grande do Sul: João Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Darcy A zambuja, nas obras *Contos gauchescos*, 1912, *Tapera*, 1911, e *No galpão*, 1925, respectivamente, às quais se restringirá o estudo.

O objetivo principal da dissertação é, entretanto, mostrar que Cyro Martins desviou-se da trajetória do romance regional instituído nas décadas de 20, 30, 40, dando a sua obra uma direção e uma intenção diferentes daquelas propostas pelos seus antecessores. A trilogia do "gaúcho a pé", de Cyro Martins, composta por *Sem rumo*, 1937, *Porteira fechada*, 1944, e *Estrada nova*, 1954 - que será objeto deste estudo - parece mostrar um novo tipo de personagem, sem as características que identificam o gaúcho tradicional, mitificado.

Outros estudos já foram feitos sobre a obra de Cyro Martins, enfocando as mais diversas facetas. Como até então, o gaúcho era apresentado, na literatura tradicional sul-rio-grandense, dentro de um contexto histórico que predispu- nha a sua apresentação como um herói, com todas as possibilidades de superar as mais variadas dificuldades, a obra de Cyro Martins ganhou relevância exatamente porque o Autor procurou apresentar uma nova visão do gaúcho. É sobre este aspecto renovador que foram feitos vários estudos da trilogia do "gaúcho a pé", sendo a maioria artigos de jornais e revistas. Deve-se salientar a dissertação de mestrado de Zilá Bernd (1977) - *O gaúcho a pé* (Estudo do romance social de Cyro Martins) -, que realizou um estudo desta trilogia, utilizando para isso os pressupostos teóricos de Darcy Ribeiro, expostos em *Teoria do Brasil*.

Em vista da nova orientação na literatura sul-rio-grandense, é que se abre a possibilidade de estudar o gaúcho sob o ponto de vista mítico, para depois mostrá-lo desprovido de elementos míticos na obra de Cyro Martins.

Partindo do confronto entre o mito arcaico e o mito moderno, considerar-se-ão as teorias de Mircea Eliade e Ernst Cassirer sobre o mito tradicional, e as de Roland Barthes sobre o mito moderno. Com base nestas teorias, far-se-á um estudo sociológico, justificado pela teoria de Lucien Goldmann, que propõem o herói problemático, vivendo numa sociedade degradada, representada, no caso, pela sociedade do Rio Grande do Sul e pelo gaúcho, retratados por Cyro Martins. Goldmann (1976:15) afirma que

... o romance caracteriza-se como a história de valores autênticos de um modo degradado, numa sociedade degradada, degradação que, no tocante ao herói, manifesta-se principalmente pela mediatização, pela redução de valores autênticos ao nível implícito e ao desaparecimento enquanto se apresentam como realidades manifestas.

A dissertação, portanto, terá a seguinte seqüência: far-se-á o estudo do mito na sociedade arcaica, segundo teorias de Eliade e Cassirer, e na sociedade moderna de acordo com a teoria de Barthes, como condição para entender a formação do mito do gaúcho, que é analisado logo a seguir. Posteriormente, pretende-se mostrar a existência da figura mítica do gaúcho na literatura tradicional sul-rio-grandense, para, finalmente, analisar os componentes da personagem do gaúcho em Cyro Martins. A hipótese orientadora do trabalho é que, apesar do tema e de um certo linguajar, a figura do gaúcho - protagonista em Cyro Martins - é descaracterizada em relação ao mito do gaúcho tradicional.

1 - O MITO: CONCEITUAÇÕES

1.1 - MITO TRADICIONAL E MITO MODERNO

O significado do mito apresenta variações de acordo com a época a que remonta e de acordo com a sociedade a que se refere. O mito, portanto, é uma realidade complexa que com

porta perspectivas múltiplas. Assim, há necessidade de considerar-se o mito em relação à sociedade primitiva e em relação à sociedade moderna.

1.1.1 - O MITO TRADICIONAL

O mito é a forma que o povo primitivo utiliza para se relacionar com a realidade e, ao mesmo tempo, para interpretá-la. Nas sociedades primitivas, o mito é uma realidade vivida, não apenas um símbolo. É a ligação do homem com o universo e possui um valor de cunho religioso, pois narra os feitos de um deus ou de um ser sobrenatural. Conhecer o mito é, pois, uma forma de conhecer o universo e as coisas divinas.

Além de ser o mito uma ligação homem-universo, ele reflete uma realidade profunda, por ser a representação da vida instintiva, da consciência primitiva do homem. Pelo seu aspecto comum e coletivo, serve para congregar uma tribo, tanto nas atividades religiosas como nas psicológicas.

A ação do mito sobre as sociedades arcaicas é decisiva, pois

... os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. É mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural (Eliade, 1972: 11. Grifo do Autor).

Como o mito é uma história sagrada, isso determina a veracidade dessa mesma história. Há várias provas de que as histórias sagradas são verdadeiras; algumas dessas provas são a existência do Mundo e a mortalidade do homem, daí por que o mito é tomado como um modelo de ação (Eliade, 1972: 12).

O mito está vinculado estreitamente à linguagem, uma vez que o conhecimento do mito dá-se pela linguagem e os deuses concretizam-se e completam-se através da palavra (Cassirer, 1972:90). Nas sociedades arcaicas, somente alguns privilegiados podem ter conhecimento da linguagem mítica e é por intermédio dessas pessoas, geralmente as mais velhas da tribo, que as novas gerações conhecem os mitos.

O mito não é expresso tão somente pela palavra. O arranjo do mundo, por exemplo, também é considerado uma linguagem e o caminho para conhecer esse mundo é conhecer os mitos. Os mitos oferecem uma explicação do Mundo e do modo de e

xistir no Mundo (Cassirer, 1972:17).

A vida do homem primitivo está subjugada ao mito. Se o homem se apresenta como é hoje, isso se deve a certas atitudes dos Entes Sobrenaturais. O homem primitivo acredita que os mitos determinam sua maneira de agir, de viver e de se alimentar. É por causa de certos acontecimentos míticos que o homem é "um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras" (Eliade, 1972:16).

Para a civilização primitiva, portanto, o mito é indispensável. Ele não é considerado uma fantasia, mas uma realidade que determina e orienta a vida do homem.

1.1.2 - O MITO MODERNO

Hoje, não se pode dar ao mito o mesmo valor nem o mesmo sentido que lhe atribuíam as sociedades arcaicas. Apesar disso, percebe-se que entre o mito moderno e o mito primitivo existem, pelo menos, dois pontos de contato. O primeiro deles é que ambos têm a capacidade de congregar uma coletividade; o segundo é que tanto um como outro servem de linguagem.

O mito é capaz de criar unidade entre os homens de sociedades arcaicas, porque eles acreditam nas mesmas crenças e nas mesmas figuras mitológicas. A consequência é ser o mito uma condição de aproximação e de unidade da tribo.

A sociedade moderna herdou o mesmo tipo de mecanismo de união, sofrendo este apenas certa modificação. Os deuses e seres sobrenaturais foram substituídos pelos heróis superdotados das estórias em quadrinhos, popularizadas pela literatura de massa. A diferença que existe, segundo Umberto Eco, é que as figuras mitológicas possuem, de forma inerente, uma estória única e definitiva, portanto previsível. Os heróis modernos assemelham-se às figuras mitológicas por formarem um tipo, ou melhor, "um arquétipo que reúne em si a soma de determinadas aspirações coletivas" e, ao mesmo tempo, por possuírem várias características "imobilizadas numa fixidez emblemática", que torna os heróis facilmente reconhecíveis (Eco, 1970:251).

O mito primitivo perpetua-se no mito moderno por possuir a mesma finalidade, que é a de ser uma linguagem e de servir-se da linguagem.

A linguagem serve de alicerce para o mito das sociedades arcaicas, porque é através dela que o mito se revela. Ter conhecimento do mito, ter acesso ao mito pela linguagem é

privilégio de alguns membros das tribos primitivas. Aqueles que são distinguidos tomam conhecimento das estórias dos seres sobrenaturais através da comunicação oral dos mais velhos, isto é, entram em contato com a linguagem mítica, que é muito valorizada e respeitada. A linguagem é a maneira de revelação do mito primitivo.

O mito atual é uma linguagem, porque é uma forma de comunicação, uma mensagem. Essa é a semelhança com o mito primitivo. Hoje, entretanto, a linguagem mítica é menos valorizada e muitas vezes nem é percebida. O público é atingido pela linguagem mítica sem ter consciência disso. O mito moderno serve de modelo de ação, da mesma forma como acontece na sociedade primitiva, mas não há preocupação em conhecer e penetrar no seu significado. O mito perdeu hoje o cunho sobre natural e imutável que o caracterizava primitivamente; em seu lugar, abriu-se a possibilidade de tudo e qualquer coisa tornar-se mito, às vezes temporariamente. A formação de um novo mito depende da maneira como a linguagem é proferida (Barthes, 1978: 131).

Exemplo disso encontra-se na publicidade que, usando a linguagem habilmente, cria signos míticos para o consumidor. A significação da linguagem mítica depende, portanto, da maneira como ela é proferida.

Enquanto o mito tradicional utiliza preponderantemente a linguagem oral, a linguagem do mito atual é variada, usa representações diferentes, como a escrita e a imagem. A imagem, por sua vez, pode servir-se da fotografia, da pintura, do cartaz, do rito e do objeto. Juntamente com a língua, são todos matérias-primas da fala mítica (Barthes, 1978: 136).

1.1.3 - CONCEITO E FORMA DE MITO

Considerando essas formas diferentes de representações como significantes e o mito como significado, de acordo com Roland Barthes, conclui-se, com ele, que um significado (mito) pode ter vários significantes (representações), isto é, as mais variadas imagens ou um grande número de frases podem representar o mesmo mito, repetidamente. Quanto maior a riqueza de representações do mito - significantes diferentes -, mais fácil torna-se decifrá-lo (Barthes, 1978: 141).

Barthes aproxima a formação do mito moderno do sistema lingüístico de Saussure: significante, significado e signo. Como o mito é um sistema particular, sofre certa modifi-

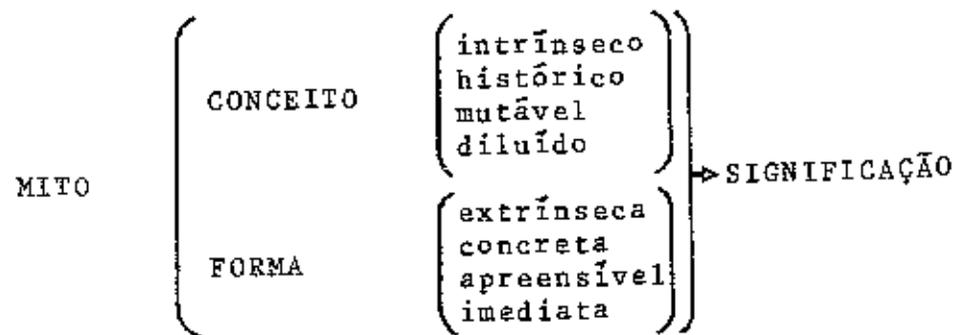
cação. O que é signo no sistema lingüístico, transforma-se aqui em simples significante, chamado de *forma*. O significado coincide, no sistema lingüístico e no sistema mítico, e é chamado de *conceito*. A correlação entre forma e conceito é a *significação* no sistema mítico. A *significação* desempenha a mesma função que o signo, no sistema lingüístico; entretanto, Barthes não retoma a mesma palavra para evitar ambigüidade, uma vez que, no mito, o significante já é formado pelos signos da língua.

A *forma* caracteriza-se por ser extrínseca, apreensível, concreta e imediata. Por ser visível, a *forma* apresenta certos indícios que a referem ao mito. A linguagem desses indícios, chamados signos míticos, fala muito alto na sua exterioridade. Devido a isso, eles podem ser verdadeiros ou falsos. Uma fotografia eleitoral, dependendo da pose, do tamanho, das roupas do candidato, pretende transmitir determinados valores ao eleitor, mesmo que isso não represente a realidade. Através da *forma*, portanto, o mito pode sofrer certa deformação (Barthes, 1978: 143 e passim).

O *conceito* é histórico e, por ser histórico, relaciona-se com o mundo através de associações que não são rígidas e que sofrem mutações; o *conceito* manifesta-se de maneira pouco objetiva, através de fatores diluídos. A fragilidade do mito moderno reside no fato de o *conceito*, pela sua característica histórica, não possuir rigidez, podendo alterar-se e mesmo desaparecer, afetando a existência do mito (Barthes, 1978: 136 e passim).

A soma da forma e do conceito é a *significação*; e "a palavra é tanto mais apropriada aqui, porque o mito tem efetivamente uma dupla função: designa e notifica, faz compreender e impõe" (Barthes, 1978: 139).

O MITO MODERNO



1.2 - ORIGEM DO MITO DO GAÚCHO

O mundo contemporâneo tem necessidade de criação de mitos, se não com o sentido sobrenatural, religioso, das sociedades primitivas, pelo menos como um processo quase mágico de unir imagens e aspirações. Uma parte da sociedade consome signos que são atributos do mito, com tranquilidade, sem se interrogar sobre sua significação. Hoje, o mito representa uma compensação e serve para substituto de uma realidade não aceita.

Atualmente, parece haver duas maneiras de se formar um mito. Existem os mitos forjados pelas agências de publicidade, que mitificam artificialmente coisas e pessoas. Desse mitos, sabem-se a origem e a intenção, que é a de conquistar a sociedade de consumo. São mitos programados antecipadamente. Outros mitos, entretanto, existem sem que se possa apurar com precisão sua origem; sua formação se processa sem a intenção inicial de se criar um mito. São o tempo, a sociedade, o inconsciente coletivo que transformam certas figuras e certos objetos em mitos, através de um processo natural e gratuito.

1.2.1 - FORMAÇÃO HISTÓRICA DO POVO GAÚCHO

O mito do gaúcho é um desses mitos formados naturalmente. Para se estabelecer sua origem, é necessário fazer um retrospecto, examinar a formação histórica, a formação social e as características básicas do gaúcho. É através da contribuição de vários autores que se preocuparam em esclarecer aspectos decisivos da história e da população sul-rio-grandense que se pode hoje estabelecer um painel preciso da formação do Rio Grande do Sul.

A colonização do Rio Grande do Sul foi determinada por uma finalidade política. Para evitar que os espanhóis se apoderassem deste território, uma vez que o tratado de Madrid não resolvera o problema de limites, os portugueses decidiram colonizar a região para garantir a sua posse. Para isso, enviaram levas humanas das mais variadas origens:

Lagoenses, paulistas e gente de várias capitânicas, os reinóis, os retirantes da Colônia do Sacramento, as numerosas famílias açorianas, esses os troncos do mincantes do homem que se largou nas planuras do sul

e se fez campeador e soldado (Vellinho, 1968:60).

Além desses, colabora para a formação étnica do habitante do Rio Grande do Sul alguma incidência do sangue africano e do sangue indígena. A par desta formação portuguesa, recebeu também influência da cultura hispânica pelo contato com os habitantes da América Espanhola. Esse amálgama serviu para compor um tipo próprio da região, diferente daquele existente no resto do país e na região vizinha, que estava sob a dominação da Espanha.

Os portugueses, vindos das ilhas dos Açores, são o tipo dominante desta primitiva sociedade. Obedientes, disciplinados e conservadores em seus costumes, dedicam-se ao trabalho da terra e ao comércio. Ao lado desta população agrícola, que se agrupa às margens dos rios, nasce e forma-se outra, na campanha, integrada por aventureiros paulistas e portugueses. Estes dedicam-se à caça do gado bravo. A vida de aventuras que leva esta população e seu nomadismo dificultam a tentativa de colonizar este território, de forma que, no começo do século XIX, pouco há de estável. Por muito tempo permanece a situação de liberdade, com o horizonte ainda não toldado de cercas e com a população esparsa, dona de seu destino. Mais tarde, para povoar de forma sistemática esta zona, são atribuídas terras aos militares que ali estão sediados e aos aventureiros. A terra passa a ser dividida em grandes propriedades, cujos limites são os acidentes naturais. Afastados de tudo, vivem os fazendeiros e os peões que são os auxiliares da fazenda (Barcelos, 1960: 15-20).

A distribuição da terra em propriedades latifundiárias representa, sob o ponto de vista social, econômico, político e militar, um passo decisivo. É a maneira de sedimentar a povoação e a posse da terra, pois o Rio Grande do Sul fica entre dois focos expansionistas. É nestes campos, entre a guerra e o pastoreio, que se ergue a figura que se projeta no tempo: o gaúcho.

1.2.2 - CARACTERÍSTICAS DO GAÚCHO PRIMITIVO

O gaúcho, desde seus primórdios, aparece marcado pela força telúrica. Possui vida ruda e instintiva. Se, no início, era um gaudério avesso à monotonia, aos poucos surge desta população nômade o gaúcho identificado como peão, que se instala nas fazendas, auxiliando nos trabalhos do campo. Por muito tempo, entretanto, conserva o gosto pela vida fácil e pe-

la liberdade; vivendo sem chefes, sem leis, respeita a propriedade de quem o ajuda e nele confia. A tônica de seu caráter é a impassibilidade - diverte-se, sofre, mata e morre com o mesmo sangue-frio (Hessel, 1956:16).

Aos poucos, o gaúcho evolui e se socializa, mas sem abandonar suas características básicas. Destas, a principal é seu grande apego ao cavalo; o gaúcho é um cavaleiro perfeito. Sente-se dono da imensidão geográfica daquela época, que percorre cavalgando, e experimenta a sensação de domínio sobre ela. É a identificação perfeita com a terra.

Seu trabalho consiste em repontar o gado para os rodeios a fim de amansá-lo; dedica-se à marcação, ao abate, à doma. Esta atividade violenta requer força física e habilidade no manejo dos instrumentos de trabalho, que são o laço e a boleadeira. Assim, o trabalho campeiro desenvolve no gaúcho a energia, a destreza, a coragem; faz com que despreze o perigo, adquira resistência física, qualidades que também são exigidas para a guerra (Barcelos, 1960:20).

O gaúcho divide o tempo entre a faina pastoril e a guerra. A campanha reparte-se em comandâncias militares, cujos chefes são os estancieiros e os milicianos, os gaúchos. Quando necessário, os chefes, investidos de autoridade e quase sempre hábeis militares, formam um núcleo composto pela peonada, que constitui o grosso da tropa. O Estado recorre a estes chefes de prestígio, em caso de luta, e os gaúchos seguem-nos confiantes. As lutas são frequentes; é necessário defender a terra contra tudo e contra todos:

Essa mentalidade, esculpida pela guerra, e conservada na existência pastoril, explica, como o meio físico de que nasce, a organização social da população gaúcha (Barcelos, 1960:22).

Livre de compromissos fixos, por serem intermitentes seus períodos de trabalho, o gaúcho tem grandes períodos de lazer. Mesmo seu trabalho assume um cunho de diversão, um sentido de torneio. Mas, além do trabalho que o gaúcho encara como uma atividade divertida e violenta, nas horas de descanso, ele reúne-se no galpão, ao pé do fogo, para conversar, ou nos bolichos para beber, jogar, apostar carreiras e dançar ao som da viola.

O gaúcho primitivo é um produto da fartura, da facilidade de viver e de subsistir. Sua alimentação é predominantemente a carne e o chimarrão. A carne está sempre à mão, no campo, onde o gaúcho carneia, abandonando as sobras às a-

ves de rapina e aos cachorros.

O resultado de tais costumes e de tal modo de vida são estes homens fortes, orgulhosos, rudes, enérgicos, corajosos, que demonstram amor à liberdade e à sua terra.

1.3 - O MITO DO GAÚCHO: CONCEITO E FORMA

A retrospectiva histórica mostra a evolução seguida pelo gaúcho e suas características primordiais. Com estes dados, pode-se estabelecer a base para a formação do gaúcho mítico.

Como o mito moderno, segundo Barthes, é composto pelo *conceito*, que é intrínseco e histórico, e pela *forma*, que é extrínseca e imediata, a constatação de ambos, em relação ao gaúcho, resulta na *significação* ou seja, no mito do gaúcho: a gauchidade.

O *conceito* do mito é todo um conjunto de fatores algo diluídos, que, neste caso, constituem o modo de ser do gaúcho, os fatores originários de sua formação histórica, na terra e na guerra: o espírito aventureiro e guerreiro, a coragem, a agressividade, a energia e o sangue-frio. O gaúcho revestiu estas características gradativamente, durante suas vivências diversas. Quando imigrantes alemães e, mais tarde, italianos aqui se instalaram, já encontraram forjadas a mentalidade e a maneira de ser do gaúcho. A corrente imigratória trouxe, no início, apenas certa modificação social, uma vez que o cultivo do solo, a cargo principalmente dos imigrantes, restabeleceu o equilíbrio da economia do Rio Grande do Sul e fez aparecer a classe do pequeno proprietário rural (Barcelos, 1960: 27).

A *forma* do mito do gaúcho, aquilo que é visível, transparece no seu traje característico: bombachas, botas, lenço no pescoço, chapéu, esporas; nos seus utensílios de trabalho: faca, laço; nos seus hábitos: alimentar-se de churrasco, tomar chimarrão, fumar cigarro de palha; e na linguagem: usar expressões típicas da região, juntamente com castelhanismos. Estes são signos que se mostram, porque são exteriores.

É sobre este aspecto duplo, interior e exterior, - *conceito* e *forma* - que se pode embasar a imagem do gaúcho mítico. Da soma de ambos resulta a *significação*: gauchidade, isto é, o mito de um gaúcho todo-poderoso, revestido exteriormente de trajes dignos deste espírito dominador.

O MITO DO GAÚCHO

MITO DO GAÚCHO	CONCEITO	espírito guerreiro espírito de aventura desejo de liberdade nomadismo coragem agressividade energia força telúrica nobreza de sentimentos trabalho adequado apego aos animais	SIGNIFICAÇÃO: a gauchidade
	FORMA	traje característico utensílios de trabalho alimentação lazer linguagem	

1.4 - O DESAPARECIMENTO DO MITO DO GAÚCHO

Com o passar do tempo, o regime anárquico de outrora dá lugar à disciplina incipiente das estâncias, grandes latifúndios, distribuídos de maneira desigual e arbitrária, visando a recompensar, quase sempre, comandantes militares. Até meados do século passado, as estâncias continuam sendo empresas primitivas de exploração pastoril, mas, com o desenvolvimento da indústria do charque, abrem um mercado valioso para a pecuária, resultando no seu progresso e no aumento de seus rendimentos.

O progresso acarreta modificações no modo de viver: constroem-se casas sólidas e algumas pontes, e tem início a formação de núcleos urbanos. Antes do término do século, a pecuária assume grande desenvolvimento; melhoram os rebanhos e ocorre a simplificação das lides campeiras. Com isso, a tendência é a redução do número de empregados da estância. O agregado, que está sob a proteção do estancieiro, ajudando-o periodicamente e desfrutando dos postos abertos para a sua própria

criação, está fadado ao desaparecimento (Franco, 1969:69-70).

O começo do século atual vê a economia da campanha sofrer alguns revezes, como a falência de bancos, de fazendeiros e charqueadores; ocorre a desvalorização da moeda. Entretanto, posteriormente, o gado e a lã são revalorizados e verifica-se a ascensão da pecuária. Ao mesmo tempo, ocorre certa modificação nesta zona: algumas pastagens transformam-se em lavouras, principalmente de arroz e de trigo.

Depois desta ascensão, a pecuária começa a diminuir de importância, cedendo lugar à agricultura e à indústria. O resultado é nefasto para a campanha. Os desempregos ocorrem intensamente, resultando no êxodo contínuo para as cidades, despreparadas para receber esta população que, por sua vez, não tem qualificação profissional para sobreviver fora campo. Profundas transformações acontecem e

... no giro implacável das coisas, foram ou estão sendo triturados e eliminados lenta e melancolicamente, não só as soberbas figuras equestres de outros tempos: monarcas, guerrilheiros, caudilhos, mas ainda os obscuros continuadores da tradição: posteiros, carreteiros, tropeiros e toda uma linhagem de gaúchos, ondarengos, insubmissos à proletarização.. (Moraes, 1959: 201).

A situação do Rio Grande do Sul é outra, com as grandes modificações ocorridas no setor econômico, resultantes da pujança agrícola, do crescimento industrial e do decréscimo da atividade pastoril. Com isso,

... fica no coração rio-grandense a saudade e o orgulho do passado heróico do camponhista neste sumir-se da tradição bélica e rebelde, afogada na onda crescente do industrialismo contemporâneo. As estâncias, de ninho de guerrilheiros, serão, dentro em pouco, estabelecimentos meramente industrializados, onde se defrontarão o patrão - o fazendeiro, - e os operários, -os gaúchos. As associações para defesa dos interesses da classe, federações rurais, federações de comerciantes, e os sindicatos operários mostram o rumo que leva a sociedade rio-grandense (Barcelos, 1960: 30).

Pode-se constatar que - com essas mudanças- a fonte viva de que se alimenta o conceito mítico do gaúcho, substrato

necessário a todo mito, transformou-se, já que o conceito é histórico e comporta modificações. Não há mais guerras, não há mais disputas políticas, não há mais violências de onde emergiam os heróis, exemplos fascinantes para gerações futuras. O substrato real que sustentava o mito, qual seja, o gaúcho como produto de uma determinada circunstância histórica aliada a uma promoção ideológica específica, desapareceu (Zilberman, 1977: 156 -7).

A outra face do mito, a forma, parece não ter mais onde se abastecer, devido às transformações na maneira de viver e nos hábitos do gaúcho.

Parece que o mito romantizado do gaúcho, como odas e culturas arcaicas, está em vias de desaparecer. Um novo tipo, talvez, esteja se compondo, proveniente da evolução, pois as bases que fundamentaram o mito tradicional do gaúcho modificaram-se. Hoje, outras atividades existem ao lado das antigas; hábitos primitivos foram esquecidos, outras exigências apareceram. Apesar de permanecerem os elementos fundamentais da cultura sul-rio-grandense, a realidade social é outra.

2 - O MITO DO GAÚCHO NA LITERATURA REGIONAL DO RIO GRANDE DO SUL

2.1 - LITERATURA: ESCOLHA PESSOAL E ASPECTOS CULTURAIS E HISTÓRICOS

A obra literária está vinculada a uma escolha individual, por representar um universo visto sob determinada ótica. Da escolha individual resulta um sentido impregnado de um modo de ver o mundo. Aliado a isso, acrescenta-se o aspecto cultural a que está ligado um povo. A formação cultural contribui para dar determinada forma, isto é, enformar a obra literária. Também, ao narrar fatos, a obra literária liga-se à história.

A literatura regional do sul formou-se atendendo a esses aspectos: o aspecto individual, o aspecto cultural e

e o aspecto histórico.

Inicialmente, a formação cultural do Rio Grande do Sul foi variada, conforme se viu anteriormente, porque os primeiros povoadores tiveram a mais diversificada proveniência. Em vista de os interesses serem comuns, aos poucos foram se fundindo as diversas culturas.

A atividade a que a população dedicou-se era a pastoril, sempre mais intensa, do que a agrícola. Isso, por diversas razões: o pastoreio era uma atividade mais livre e não dependia das incertezas a que a agricultura estava sujeita, devido aos fenômenos meteorológicos. Progressivamente, a carne seca e o couro eram valorizados, enquanto que a dificuldade para conseguir sementes na época do plantio aumentava. Além disso, ser dono de estância representava prestígio e consideração (Moraes, 1959:100 e passim). Deve-se considerar também que a criação de gado dispensava a ajuda da metrópole, principalmente considerando-se o afastamento geográfico do Rio Grande do Sul. Esse afastamento trouxe, como consequência, a falta de contato com outras culturas e a pouca influência da Igreja, que era portadora de cultura para outras regiões. Com essa atividade, que requeria grande energia, e com a pouca penetração da Igreja, o gaúcho formou-se preocupando-se mais com o seu trabalho e com a ação do que com a reflexão interior (Pozenato, 1974:23).

A formação cultural vai se estabelecendo e a ela pode-se ligar, como um determinante decisivo, o aspecto histórico do Rio Grande do Sul, basicamente ligado à ação guerrilheira. O motivo das lutas era defender o território ou integrá-lo ao país; e essas lutas sucessivas influenciaram na formação de gerações.

A atividade do gaúcho, dedicado ao pastoreio, e o ambiente de guerra em que viveu foram elementos decisivos na sua formação.

A obra literária representa uma opção por parte do escritor. Essa opção, entretanto, não é totalmente livre. Há circunstâncias externas, como o aspecto histórico, o social e o político, que restringem sua escolha: "a escritura, a princípio livre, é finalmente o elo que acorrenta o escritor a uma História que já está acorrentada" (Barthes, 1974: 139).

Guardando as proporções desse cerceamento, escritores como Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Darcy Azambuja escolheram o gaúcho mítico como centro de sua temática. Destacaram os elementos que serviram para mitificá-lo, ligando-o à formação cultural e histórica datada do século anterior.

Esses escritores trataram o gaúcho como uma figura

heróica, adequada a seu modo de ver o mundo - o Rio Grande do Sul - e o situaram no passado, pois, transferindo-o para esse tempo, tornou-se possível ressaltar suas características míticas. A literatura regional sul-rio-grandense tem, na maneira de ser do gaúcho tradicional, seu ponto de apoio maior, mostrando suas características, seus padrões convencionais, seu código de valores. Os escritores que situaram sua narrativa na campanha, retrataram não só paisagens e cenários mas, principalmente, o gaúcho típico, o homem do campo.

A literatura regional do Rio Grande do Sul muito contribuiu para reforçar e fixar o mito do gaúcho tradicional, porque deu ênfase à face mais importante na formação de um mito, que é a face intrínseca, formadora do conceito. A outra face, a forma, mesmo sendo indispensável para completar a significação, por ser exterior, pode representar uma falsidade.

As manifestações das características intrínsecas do gaúcho, que contribuem para a formação do conceito do mito, são evidenciadas através de alguns temas que embasam o protótipo do gaúcho na literatura regional: força telúrica, energia, coragem, apego aos animais, principalmente ao cavalo, espírito guerreiro, desejo de aventuras, nobreza de sentimentos - honradez, lealdade -, desejo de liberdade, nomadismo e a atividade do gaúcho.

A par desses temas, torna-se necessário examinar as características do gaúcho que compõem a forma do mito. São os usos e costumes evidenciados pelo tipo de alimentação, as formas de lazer, o traje e a linguagem.

Esses aspectos intrínsecos e extrínsecos do mito serão analisados, a seguir, em três escritores que podem ser considerados representantes da literatura tradicional do Rio Grande do Sul: Simões Lopes Neto em *Contos gauchescos*, Alcides Maya em *Tapera* e Darcy Azambuja em *No galpão*.

2.2 - SIMÕES LOPES NETO

2.2.1 - O CONCEITO DO MITO DO GAÚCHO NOS *CONTOS GAUCHESCOS*

Simões Lopes Neto usou reiteradas vezes os temas formadores do mito do gaúcho, principalmente em seus *Contos gauchescos*, que retratam a vida cotidiana do gaúcho. Os "cau-

sos" são protagonizados ou narrados por Blau Nunes, que reúne as características essenciais do gaúcho típico, e é pela sua fala que se depreende o primeiro tema importante: a identificação do gaúcho com a terra.

Sentimento telúrico. É a necessidade de conquistar e, depois, de defender seu território que desencadeia no gaúcho esse sentimento telúrico. A constante situação de guerra desenvolve esse amor à terra, seu espírito guerreiro e sua coragem. O gaúcho tudo faz para manter a terra conquistada. Por isso, as guerras fazem parte das atividades do gaúcho por muito tempo.

(Elas) foram consequência do desejo de conquista e de fixação da terra e desta relação entre guerra e conquista é que se forma o gaúcho. Ele não se liga, portanto, somente à guerra, mas também à terra conquistada. Assim, ele é também, e com a mesma força, a terra que conquistou. E se os seus valores se fundamentam nesta vivência eminentemente guerreira, a sua explicação para os acontecimentos também deverá expressar esta unidade com a natureza, própria a uma consciência mítica (Filipowski, 1977:36).

No conto *Contrabandista*, há a integração do homem à paisagem como uma forma de conhecimento através dos sentidos:

Conhecia as querências, pelo faro: aqui era o cheiro do açouta-cavalo florescido, lá o dos trevais, o das guabirobas rasteiras, do capim-limão; pelo ouvido: aqui, cancha de graxains, lá os pastos que ensurdecem ou estalam no casco do cavalo; adiante, o chape-chape, noutra ponta o areão. Até pelo gosto ele dizia a parada, porque sabia onde estavam asguas salobres e águas leves, com sabor de barro ou sabendo a limo (Lopes Neto, 1961:205).

Além dessa integração da paisagem pelos sentidos do homem, outra relação de identidade entre este e a natureza é revelada pelas comparações que Simões Lopes Neto faz. Compara as qualidades do gaúcho com a natureza ao representar Blau Nunes aos leitores:

Fazia-me êle a impressão de um perene tarumã verde fante, rijo para o machado e para o raio, e abrí-

gando dentro do tronco enxame de abelhas, nos galhos ninhos de pombas (Lopes Neto, 1961:24).

O desejo de defender e de conservar a terra, a integração do homem à natureza através dos sentidos, traduzidos também nas comparações que o Autor faz do homem com a natureza, atestam, portanto, o telurismo do gaúcho em *Contos gaúchos*.

Espírito guerreiro. Um segundo tema ligado à figura do gaúcho é seu espírito guerreiro, tão grande que nem o amor o impede de ir para a luta, quando assim é preciso. Costinha, mesmo arriscando perder a noiva, não se esquivava de cumprir seu dever, como consta no conto *Melancia-coco verde* (Lopes Neto, 1961:188).

Vários dos *Contos gaúchos* tratam desse espírito do gaúcho, que ora é motivo principal, ora pano de fundo, pois a guerra é uma constante em sua vida: é o caso de *Duelo de farrapos*, *O anjo da vitória*, *Contrabandista*, *Os cabelos da china*, *Correr equada*, *Juca Guerra* e *Chasque do imperador*.

Coragem e destreza. A bravura, a coragem do gaúcho, tanto na guerra como na paz, o contista as mostra, além de em outros contos, em *Juca Guerra*: Juca é a personagem que livra o amigo da morte quando este tenta domar um touro:

Foi como o trovão e logo o raio... pois como um raio o gaúcho carregou e atirou a montaria contra o touro! (Lopes Neto, 1961: 223).

Destreza e coragem também são necessárias nas lides campeiras. Em *Correr equada* e *Juca Guerra*, encontram-se a correria para pegar o bagual e a doma de touros.

Apego aos animais. O gaúcho tem no animal um amigo e companheiro, e o trata como tal. O estreito relacionamento entre ambos proporciona, inclusive, uma forma de comunicação muito íntima, como é o caso, em *Trezentas onças*, do cachorro, que quase fala. Mas é ao cavalo que o gaúcho dedica maior amizade. Ele o trata com carinho e, se for preciso, sacrifica-o para impedir seu sofrimento:

Coitado do flete!

Mas deixá-lo viver, assim, arreventado? Para vê-lo morrer de dores, inchado, com fome e com sede... e antes disso serem-lhe os olhos vazados pelos urubus... e os buracos dêle, ainda vivos, virarem tocas de varejas?! ... Não! Um gaúcho de alma não abandona assim o seu cavalo: antes mata-o, como amigo que não empoealha o seu amigo! (Lopes Neto, 1961:

234).

Em *Artigos de fé do gaúcho* mais uma vez o Autor atesta a preocupação com o cavalo, ora demonstrando seus cuidados: "Fala ao teu cavalo como se fôsse a gente", ora como elemento de referência: "Mulher e cavalo passarinho... Alerta companheiro" (Lopes Neto, 1961:235-6).

Revolta-se quando maltratam os animais e não admite a ingratidão dos Silvas para com o boi Cabiúna. Em *Boi velho*, os Silvas, numa atitude incomum no gaúcho, sacrificam o animal por interesse financeiro, uma vez que um boi, depois de velho, não tem mais utilidade.

Desejo de aventura e atividade. O gaúcho possui um temperamento irrequieto; a calma, a tranqüilidade, não o atrai, procura sempre algo que o estimule e o satisfaça, tem um incontido desejo de aventuras. O trabalho do campo é feito com um misto de dever e de desafio: pegar cavalo xucro, fazer rodeio, a marcação, o abate são atividades que vão ao encontro de seu modo de ser, de sua maneira de agir. O "fazer" do gaúcho está impregnado de certa violência, no que se assemelha à guerra; mas é nesse ambiente rude que o gaúcho se sente à vontade, pois ele também é rude devido às lutas travadas no campo de batalha, ou às do trabalho campeiro. Essa atividade diuturna é variada, como o demonstra o conto *No manantial*:

O paisano era trabalhador e entendido nas cousas; desde o torrão para os ranchos, e quinchar madeiras, cercados, lavouras, tudo passou pelas suas mãos. E tanto falquejava um linhote como semeava uma quadra de trigo, e já capava um touro como amansava um bagual! (Lopes Neto, 1961:140).

Nobreza de sentimentos. O gaúcho destaca-se pela nobreza de sentimentos. Em seu código de valores, salientam-se a lealdade, a honradez, a honestidade, a consideração com os amigos e com os animais, e o compromisso com a palavra dada, como o velho Lessa do conto *Deve um queijo!*... Mas é em *Trezentas onças* que se comprova esse comportamento honesto de maneira mais intensa. Todos têm a mesma atitude - tanto o patrão de Blau Nunes, como ele próprio e os demais companheiros tratam-se com consideração e lealdade. Blau Nunes descreve o patrão "como um charqueador, sujeito de contas muito limpas e brabo como uma manga de pedras..." (Lopes Neto, 1961:126). Quanto a ele, vive nesse conto uma situação de desespero ao notar a falta do dinheiro do patrão:

Então, senti frio dentro da alma... meu patrão ia

dizer que eu o havia roubado!... roubado! Pois então eu ia lá perder as onças!... Qual! Ladrão, ladrão, é que era! (Lopes Neto, 1961:129).

.....

... tinha perdido as trezentas onças, uma fortuna para mim. Não sabia como explicar o sucedido, comigo, acostumado a bem cuidar das cousas. Agora... era vender o campito, a ponta de gado manso - tirando umas leiteras para as crianças e a junta de jaguanês lavradores - vender a tropilha dos colorados... e pronto! Isso havia de chegar, folgado; e caso mermasse a conta... enfim havia de ver um jeito a dar. ... Porém matar-se um homem assim no mais... e chefe de família... isso, não! (Lopes Neto, 1961:130).

Os gaúchos tropeiros que encontram a guaiacá de dinheiro perdida, fazem uma brincadeira com Blau Nunes, dando-lhe um susto. Depois, entregam-lhe o dinheiro e "houve uma risada de gente boa" (Lopes Neto, 1961:130).

2.2.2 - A FORMA DO MITO DO GAÚCHO NOS CONTOS GAU- CHESCOS

Além desses temas que compõem o conceito do mito, percebe-se, nos Contos gauchescos, a referência constante que o autor faz aos elementos exteriores da forma do mito, tais como a alimentação, o vestir, o lazer e a linguagem.

Alimentação. No conto *Chasque do imperador*, o gaúcho que hospeda o imperador faz referência ao churrasco. Ele trata o imperador à base de chá e doces; quando este reclama, mostra-se surpreso:

Por que não disse antes, senhor? Com trezentos diabos!... Ora esta!... Vamos já a um churrasco... que eu não aguento essas porqueiras... (Lopes Neto, 1961:174).

Também em *Os cabelos da china*, o Autor fala constantemente em churrasco:

... mal boleávamos a perna para churrasquear um pedaço de carne e já os bichos nos caíam em cima... (Lopes Neto, 1961:177).

No meio da campestre uma fogueira grande, rodeada de espetos onde o churrasco chiava, pingando o fartum da gordura (Lopes Neto, 1961: 181).

Pertinho outro fogão, também com churrasco... (Lopes Neto, 1961: 182).

Tomar mate faz parte das boas lembranças de Blau Nunes, em *Correr equada*: "Não há nada como tomar mate e correr equada" (Lopes Neto, 1961:163). Em *O mate de João Cardoso*, o tema é o costume do gaúcho de oferecer um mate aos andantes, mesmo que nesse conto o chimarrão nunca chegue a aparecer, ficando só na promessa do dono da casa. O mate serve para matar a sede dos viajantes e para a hora de descanso. Em *Os cabelos da china*: "Deitados nos pelegos, nas caronas, muitos soldados ressonavam; outros em manga de camisa, pitavam, mateavam" (Lopes Neto, 1961, 181). Juca Picumã, nesse mesmo conto, "era homem de passar uma noite inteira comendo carne e mateando..." (Lopes Neto, 1961, 175).

Traje característico. O gaúcho sempre procura apresentar-se bem e, junto com certa dose de vaidade, mostra preocupação com o conforto e o bem-estar no vestir. Em dias de festa, esmera-se:

De chapéu de aba larga, botado no cocuruto da cabeça e preso num barbicacho de borlas morrudas, passando pelo nariz; no pescoço um lenço colorado, com nó republicano; na cintura um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul e mais cheio de cortados do que manchas tem um boi salino! (Lopes Neto, 1961:153),

É como o Autor descreve o negro Bonifácio no conto do mesmo nome. Para o trabalho, o traje varia. Em *Correr equada*, apresentam-se

uns de bombachas, outros de chiripã; muitos sem chapéu, muitos de lenços na cabeça; tudo de mangas de camisa e faca atravessada (Lopes Neto, 1961:164).

Lazer. As horas de lazer, passa-as o gaúcho junto ao fogo, mateando, pitando o cigarro de palha e contando "causos". Assim ele procura matar o tempo, nas fazendas, ou no descanso das tropeadas. É o que faz Blau Nunes velho, recordando os feitos de Blau Nunes moço. Nas vilas e mesmo na estrada, há o bolicho como ponto de encontro, onde se conversa, se toca viola, se canta, se joga. Perto do bolicho, há uma cancha para

as carreiras. *Jogo de osso* mostra claramente esta forma de lazer:

Às vezes armava umas carreirinhas, que se corriam numa cancha dummas três quadras que ele mesmo tinha aranjado a um lado do potreiro; então conchavava algum gringo tocador de realejo e estava preparado o divertimento. O que ele queria era gente, peonada, andantes, vagabundos, carreteiros, para poder vender canha e comida e doces; e de noite facilitava umas mesas de primeira, de truco ou de sete-em-porta para tirar o cafe. Doutras ocasiões afeitava umas dançarolas que alvorotavam o chinaredo da vizinhança (Lopes Neto, 1961:212).

Linguagem. A linguagem que Simões Lopes Neto usa caracteriza-se pelo falar regional, entremeando expressões gauchescas e castelhanismos. A influência espanhola é observada em palavras como *mui* e o diminutivo em *ito* que, apesar de existirem em português, são pouco usadas na língua corrente de outras regiões. Blau Nunes emprega típicas expressões rio-grandes e, dessa maneira, o gaúcho mítico vê sua imagem reforçada. Esses termos estão relacionados com o cavalo, a paisagem, os utensílios, a atividade do gaúcho, o cachorro. Como exemplos, podem ser relacionados alguns termos usados em *Trezentas onças*:

Cavalo: desencilhar, lombilho, zaino, ponta de carona, pingaço, flete, bagual, desmanear, apresilhar, relinchos, potreiro, pingo, escarçar, cavalhada;

Paisagem: reboleira, capincho, sarandi, espinilho, campito, pajonal;

Utensílios: gualaca, balandrau, esporas, pelegos, cabrestos, sombreiro;

Trabalho: tropear, trotar, charqueador, tropeiros, galope, estancieiro;

Cachorro: cusco, brasino, guaiveva, cachorrinho;

Castelhanismos: eh-pucha, pajonal, sombreiro, d'espacito.

Nota-se, também, que, nas comparações que o Autor faz, usa figuras de animais, imagens referentes ao campo ou à paisagem. Em *Trezentas onças* há vários exemplos:

... fui-me à água que nem capincho (Lopes Neto, 1961:

125).

... estava começando a vida, e o dinheiro era de meu patrão sujeito de contas mui limpas e brabo como uma manga de pedra... (Lopes Neto, 1961:126).

E entrou o sol; ficou nas alturas um clarão afogueado, como de incêncio num pajonal (Lopes Neto, 1961:128).

... pois o meu (coração), dentro do peito, naquela hora, estava como um espinilho ao sol, num descampado, no pino de meio-dia: era luz de Deus por todos os lados! ... (Lopes Neto, 1961:129).

Pela maneira de apresentar as características tanto intrínsecas quanto extrínsecas do gaúcho, constata-se que, em seus *Contos gauchescos*, Simões Lopes Neto evidencia aspectos que podem corroborar a figura mítica do gaúcho.

2.3 - ALCIDES MAYA

Alcides Maya é um escritor que também se sentiu atraído pela temática regional, apesar de pouco ter vivido no campo. Em sua obra *Tapera*, Alcides Maya pretendeu apresentar o gaúcho através de uma visão realista, mas, ao evocar o passado, retomou exatamente o gaúcho com características míticas - o gaúcho guerreiro, forte e aventureiro. Abordou temas que tratam do modo de ser do gaúcho, do seu código, aspectos intrínsecos do mito, assim como fala de seus costumes, que compõem o lado extrínseco do mesmo mito. Seu livro de contos - *Tapera* - é exemplo deste tratamento que alimenta uma imagem mítica do gaúcho.

2.3.1 - O CONCEITO DO MITO DO GAÚCHO EM *TAPERA*

Espírito guerreiro. O tema tratado com maior insistência em *Tapera* é o espírito guerreiro do qual o gaúcho é possuidor. Ou o gaúcho está peleando efetivamente, ou a revolução é um motivo secundário para o desenrolar do conto. A ação guerreira é a tônica de vários contos, sendo *Por vingança* o primei-

ro a tratar do assunto, através da participação de Chico Pedro na guerra civil, que interrompe a sua vida pacata, e pela narração da rivalidade política entre dois estancieiros, lutando sempre em campos opostos desde a revolução de 1835 (Maya, 1962:43-4).

O conto *Guri* narra uma refrega que Pedruca quer presenciar. Ele está no acampamento com o pai, pois este não tem com quem deixar o filho, ao rebentar a revolução. Há descrições pormenorizadas da luta e o guri tenta aproximar-se cada vez mais do campo de batalha, para ver melhor, até que, por causa de uma bala perdida, morre, "talvez feliz" (Maya, 1962:69-70).

O conto *No pago* descreve um passeio que cinco soldados fazem num período de trégua entre as lutas, com o pretexto de recrutar vaqueanos. Não ocorrem lutas, mas é tempo de guerra. (Maya, 1962:111-9). Em *Estaqueado*, o fato se passa também em época de guerra, quando dois gaúchos, sentindo um forte cheiro, pensam tratar-se de uma carniça. Ao aproximarem-se do local, encontram um homem estaqueado, deixado ali, após uma batalha. Há nesse conto o sentimento de humilhação dos gaúchos, que, por vários motivos, não puderam participar da revolução (Maya, 1962:133-9).

No último conto, *Inimigos*, Alcides Maya fala da inimizade entre irmãos. O clima é tenso, porque a rivalidade entre os dois irmãos era conscientemente cultivada. O desfecho ocorre quando, numa batalha, ambos se encontram em campos contrários e matam-se (Maya, 1962:152-3).

Atividade. Ao lado da guerra, o Autor coloca o tema da atividade diária do gaúcho, salientando a sua eficiência e o prazer que encontra em executá-la.

O gaúcho está tosando uma eguada em *Por vingança* (Maya, 1962:49), está carneando em *Charqueada*:

Lá ao alto, em plena luz estiva, a esplendorar fecundante, continuava o massacre; de uma em uma, "des nuçadas" a golpe seco, as rézes abatiam nas lãgeas enrojecidas; esfolavam-na às centenas; esquartejavam-nas, com perícia; e cada sacrificador ao pisar o portal, gotejava sangue dos facões, tinha nódoas pelo corpo, exudava sangue do vestuário roto (Maya, 1962: 77-8).

No conto *Sibila*, o Autor descreve com detalhes uma doma, acentuando a perícia do domador e o prazer que o peão sente:

Meia hora depois, largava o redomão do dia na mangueira e chegava a vez do tocaio de comprovar em algóis "repasses" a sua perícia. Lagou-se um potro baio e a lida, um verdadeiro divertimento, prolongou-se até o entardecer (Maya, 1962:99).

Coragem e energia. Estas atividades do gaúcho, além de destreza, requerem energia, coragem e sangue-frio. Mas não só na lida campeira o gaúcho aparece como um forte. Em outras condições, é mostrado idêntico a Manuel Lopes:

...sôbrio, intrépido, impassível, seria capaz de passar fome e frio semanas inteiras (Maya, 1962:126).

Sentimento telúrico. Alcides Maya descreve a paisagem do pampa e mostra as mutações que o campo sofre de acordo com a hora do dia e da noite. Nessa paisagem está o gaúcho que ama a terra e se identifica com ela. Esse entrosamento paisagem personagem revela-se em seus contos de maneiras diferentes. Chico Pedro, em *Por vingança*, aprendeu a conhecer a sua terra em todos os detalhes (Maya, 1962:54). Em *No pago*, três soldados gaúchos "possuíam o lar naquelas barrancas bem amadas" e ficaram comovidos quando reencontram o velho umbu: "...saudaram-na com os olhos rasos de amizade triste" (Maya, 1962:115). A essa mesma árvore, o Autor empresta sentimentos humanos.

Longe, balizando o pago, o velho umbu da Estância Nova ramalhava solitário, às rajadas agrestes do minúculo. E era como se da sua eminência a grande árvore familiar, desesperada acenasse, em um adeus triste, àqueles bravos (Maya, 1962: 119).

Espírito aventureiro e nomadismo. Devido ao seu apego à terra, o gaúcho sente-se atraído a palmilhá-la. Quer descobri-la, conhecê-la, levado pelo seu espírito de liberdade e de aventuras. Chico Pedro é um exemplo:

Turbulento, acostumado às fadigas, forte e sôbrio, quantas vezes sacrificara ocupações vantajosas ao prazer de uma recusa inesperada, de um imprevisto desaforo ou simplesmente "monarquizar", pingo apertado, cola atada, pelos rincões! (Maya, 1962:41).

Tio João Velho também era "andarengo famoso da fronteira" (Maya, 1962:61), e

...os dois "gaúchos" da Estância Nova, quando "homens feitos", tinham largado a "gandular" na redondeza, parasitando em todos os fogões, sabendo sem-

pre onde se carneava, o lago a quatro tentos enro dilhado à gampa para indicar lida campeira... (Maya, 1962:112).

Nobreza de Sentimentos. Mas, quer sedentário nas fazendas, quer perambulando pelos pagos, o gaúcho possui um código de honra que cumpre fielmente. Manuel Lopes, no conto *Estrangeira*, enamorado, desconfiava de todos, menos do amigo, porque "prendia-os reciprocamente uma doce e sólida amizade à gaúcho, amizade que nem a morte destrói" (Maya, 1962:130). A preocupação com a honra transparece até no modo de morrer - "que um gaúcho guapo, disse, só se mata no campo e de arma na mão", afirma Afonso (Maya, 1962:135). É por isso que ninguém pensou que Manuel Lopes havia se suicidado ao ver-se abandonado pela amada (Maya, 1962:135). Ele representava o modo de ser do gaúcho:

Não houvera até então naqueles pagos nenhum compeiro mais afamado, nenhum comarada mais guapo e mais lhano que ele: estimado por todos, contente de si mesmo, forte e sereno de alma, sempre dera aos conhecidos uma impressão de felicidade tranqüila e simples, inconsciente e profunda (Maya, 1962:124).

Apego aos animais. O contista, em *Na estrada*, descreve o cavalo como "velho herói de lealdade, venerável companheiro do homem" (Maya, 1962:79), demonstrando a consideração que o gaúcho tem tradicionalmente por esse animal. O sentimento do Autor é de indignação por vê-lo abandonado, apesar de ter servido nos tempos de paz e de guerra. Manuel Lopes afirma serem suas "duas únicas paixões: o seu cavalo e o pago" (Maya, 1962:126), colocando o cavalo em primeiro lugar. No conto *Saudade*, também o cavalo é a principal personagem - um cavalo selvagem e bravo que não se deixa prender, lutando pela liberdade (Maya, 1962: 141).

O cachorro, outro participante da vida do gaúcho, é lembrado quando o Autor diz:

Boa raça, estes são pr'a o que vier: entergam no es curo e morrem ao lado do dono... Também não se pede outra coisa, que ele é que nos põem no rastro das carnigas" (Maya, 1962:133).

Lazer. Em meio ao trabalho, o gaúcho também se diverte, dançando ao som da viola ou da cordeona, ouvindo o desafio entre dois cantores (Maya, 1962:59), ou conversando ao pé do fogo (Maya, 1962:133).

Alimentação. O gaúcho alimenta-se de churrasco desde a primeira refeição:

No dia seguinte, de madrugada, após um churrasco feito no borralho, combinaram os guascas dar uma volta pelo campo (Maya, 1962: 103).

Ao almoço:

Ainda não almoçara (...) talhou de um quarto de rês um pedaço que enfiou no espeto, cravado à beira do fogo e, acocorando-se perto, com água na boca ao ver a carne lambida das chamas... (Maya, 1962:162).

E à noite:

Esperando as brasas do borralho, entre churrasco e mate, narrava o Florentino (...) quando os cães, de rolda à noite, romperam a ladrar furiosamente (Maya, 1962:133).

Intercalando com o churrasco ou a qualquer hora, o mate é sempre sorvido com prazer:

- Que um amargo de missioneira da boa, valia anos de vida (Maya, 1962:101).

Carneavam terneiras gordas; havia assados de couro; do bojo dos porongos, verde bolava a água dos chimarrões (Maya, 1962:63).

Linguagem. Quanto à linguagem, Alcides Maya não se contentava em usar vocábulos simples, empregados correntemente. No desenrolar dos contos, ao usar palavras ditas erradamente, de uso popular ou de influência castelhana, colocava-as entre aspas ou em grifo. No conto *Por vingança*, há vários exemplos. Há termos e expressões usados entre aspas como: "aliviado daquele não", "desatravancando em três dias", "de um jeito ou doutro", "gravateando na primeira cochilha", "brandeando-lhe a alma", "num coração de cachorro manso", "galopito", "todo fumaça e relinchão", "trigo limpo", entre outros. Exemplos de palavras grifadas são: *le* (disse), *entrevêlo*, (todos) *semos*, *ansim*, *entonces*, *arreglos*, *indiada*, *blanca*, *rimeando*.

Os termos característicos usados por Alcides Maya são relacionados com o cavalo, com a paisagem, com os utensílios, e com o trabalho executado pelo gaúcho. Também emprega

alguns castelhanismos, devido à situação de fronteira do Rio Grande do Sul. Do conto *Por vingança*, podem ser retirados vários exemplos:

Cavalo: baio ruano, brioso, pingo, pinote, encilhar, bagual, aperado, flete, parelheiros, petição, matungo, manear, douradilho, pear, pingaço, zaino, mala cara, corcovo;

Paisagem: velho umbu, rincões, quinha de santa-fê, mangueiras, planície, álamos, plagas;

Utensílios: estribo, arreios, laço, boleadeiras, pelego, rebenque, adaga, coldres, roseta;

Trabalho: campeiro, campeiraço, pastorear o gado, tosar, tropeiros;

Castelhanismos: mocito, entonces, aôra, habanera, a vezita, velhito, blanca, a galopito.

Analisando esses temas abordados por Alcides Maya em *Tapera*, comprova-se a afirmativa inicial de que o Autor, em prestando ao gaúcho todas as características de um ser mitificado, reforça esse mito, ao invés de mostrá-lo realisticamente.

2.4 - DARCY AZAMBUJA

Darcy Azambuja, considerado sucessor de Simões Lopes Neto, retoma vários temas-base do mito do gaúcho na obra *No galpão*.

2.4.1 - O CONCEITO DO MITO DO GAÚCHO EM *NO GALPÃO*

Nobreza de sentimentos e coragem. A preocupação do gaúcho em manter a palavra empenhada e o destemor são demonstrados no conto *Contrabando*, através de Fidêncio Lopes, que arrisca a vida para entregar a mercadoria, e de Chiru, que é bom beiro de uma missão e que morre em troca do dever cumprido - a visar os companheiros de uma emboscada (Azambuja, 1960:91).

Espírito guerreiro. A tradição guerreira do gaúcho é constatada com Severo em *Velhos Tempos*:

À noite, em torno dos fogões improvisados, depois de parco repasto, a gauchada mateava, conversando, con-

tando façoinhas, despreocupada, rapidamente reidentificada à vida tumultuada de outrora, atando mais um elo à cadeia de lutas que se fizera tradição da raça (Azambuja, 1960:91).

O fundo histórico-guerreiro reaparece em *Por pena*, que trata da coragem de Quirino em matar o irmão, a pedido de le, para impedir que sofra e tenha morte indigna nas mãos do inimigo (Azambuja, 1960:73-8).

Espírito aventureiro e nomadismo. Em Antônio Pala está retratada a figura do gaúcho amante da aventura e da estrada. É-lhe difícil radicar-se em algum lugar, viver uma vida sedentária. É no conto *Andarengo* que Darcy Azambuja trata explicitamente desse tema:

E percebia-se ali o itinerário indeciso do gaúcho andarengo, viagens contínuas a destinos flutuantes, rumo de fantasia, sobre as corrilhas escampas e tão suaves que davam mesmo desejo de seguir por elas e nunca mais parar... (Azambuja, 1960:143).

O velho Antônio Pala era, de fato, o tipo conhecido do gaúcho andarengo, que de quando em quando se encontra, na ronda externa, cruzando a campanha (Azambuja, 1960:144).

Atraía-o a fuga das estradas sem fim, a monotonia dos "corredores", as lhanuras êrnas, os povoados - paisagens novas, vidas distantes... (Azambuja, 1960:146).

Apego aos animais. Narra também o Autor "causos" de demonstrações de afeto do gaúcho pelos animais, a ponto de lhes atribuir reações humanas, como as do cavalo zaino de Salústio, que vinga a morte do dono, matando o adversário e depois definhando de saúde, no conto *Dia de chuva* (Azambuja, 1960:135-7), ou como a atitude do guaieca que impede o dono de cair numa emboscada. Todo esse conto *Emboscada* é narrado sob o ponto de vista do cachorro (Azambuja, 1960:195), tão acentuado é o processo de antropomorfização que Darcy Azambuja utiliza.

2.4.2 - A FORMA DO MITO DO GAÚCHO EM *NO GALPÃO*

Alimentação. Constantemente, o gaúcho de *No galpão* está com a cuia na mão ou perto do fogo, contando "causos", des cansando, ou na frente da casa, embaixo do umbu, obsequiando o viajante, reunindo a família durante os serões. Mais vezes, en tretanto, perto do fogo é que está o gaúcho com o seu chimarrão, no alvorecer do dia, ao entardecer, na volta do trabalho ou noite adentro. Em *Passo bravo*:

Os dois peões, terminada aquela obra, chupavam havia horas o chimarrão em torno do fogo, olhando pelo largo portão a paisagem cinzenta (Azambuja, 1960: 204).

O churrasco como tipo de alimentação básico da campanha, aparece em alguns contos; é motivo de orgulho para o gaúcho ser um bom assador, como João Silvano, personagem de *Fazendo aramado*:

Assar um churrasco, era coisa em que João Silvano se esmerava. Podiam os companheiros estar verdes de fome; ele não se apressava. Tinha orgulho de ser um bom assador (Azambuja, 1960:169).

Lazer. A maneira típica do gaúcho de passar o tempo é contando "causos": é justamente através desse processo básico que Darcy Azambuja ressaltava as características de suas personagens. Os gaúchos passam horas, ao redor do fogo, no galpão.

Lá fora, no galpão, à beira do fogo, os peões também, mateando, contavam os rudes "casos". Ora da vida campeira, das marcações ao pô e ao sol das dias quentes, dos rodeios pelas madrugadas frescas, de estouros de tropas, e trabalhos e perigos; ora casos de amor, de guerras, de entreveros.

As chamas inquietas davam tons vermelhos à face dos mateadores, que chupavam cigarros, sentados em círculo, atentos ao relato (Azambuja, 1960:18).

Às vezes, organizam bailes e festas:

Após meio-dia começaram as danças. Os pares encheram a sala e a varanda, rodopiando à música da pequena orquestra (Azambuja, 1960: 109).

Mas é entre os companheiros, conversando longamente, que o gaúcho passa a maior parte de seus momentos de lazer.

Linguagem. Na linguagem que Darcy Azambuja emprega

em *No galpão*, há várias expressões típicas do gaúcho, muitas de influência castelhana, sendo que, em algumas vezes, usa a língua espanhola na fala de suas personagens como é o caso de *Ne grito* em *Contrabando*:

Pero, chê, por acá ni los biguás. (...) Palos, entonces, andrede pa rachar las aspas a um cristiano. Por lo seguro no me quedo aficionau. Bento respondeu no mesmo calão: - Hace fuego en los ojos, castejano, que te plantas em el charco (Azambuja, 1960: 28).

Os termos que caracterizam o falar regional referem-se a aspectos da vida campeira em geral. As comparações são feitas com animais: "Os bichos são sempre melhores que os homens", é dito e repetido no conto *Dia de chuva* (Azambuja, 1960:131).

Podem ser retirados do conto *Andarengo* vários exemplos da adequação da linguagem de Darcy Azambuja, uma vez que estes termos referem-se ao cavalo, à paisagem, aos utensílios e ao trabalho. Há também exemplos do uso de castelhanismos.

Cavalo: fletes, cascós, bagual, malacara, enfreado, sebruno, matungo, corcovear, despilchado, redomão;

Paisagem: caraguatás, coxilhas de vassouras e santa-fê, varzea, caponetes, capororoca, babas-de-boi, pagos;

Utensílios: arreios, faca, soga, pistola, relho, espora, poncho;

Trabalho: marcações, campeiraço, pealar, apartar, domar;

Castelhanismos: pauzito, solito, mui, mocito, buenno, buenaço, copitos.

À semelhança de Simões Lopes Neto, Darcy Azambuja retoma, como temática, o modo de ser e o modo de viver do gaúcho, componentes formadores do mito do gaúcho.

Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Darcy Azambuja detiveram-se em focar em suas obras as características intrínsecas e extrínsecas do gaúcho, que compõem o conceito e a forma do mito, colaborando dessa forma em fixar na litera-

tura regional sul-rio-grandense o gaúcho mítico.

O esquema a seguir mostra a presença dos diferentes temas nas obras estudadas nos três Autores.

O MITO DO GAÚCHO

Ocorrências dos temas nos três autores estudados

CONCEITO	SIMÕES LOPES NETO	ALCIDES MAYA	DARCY AZAMBUJA
Espírito guerreiro	x	x	x
Espírito aventureiro	x	x	x
Coragem	x	x	x
Agressividade	x	x	
Energia	x	x	
Força telúrica	x	x	
Nobreza de sentimentos	x	x	x
Desejo de liberdade	x	x	x
Nomadismo	x	x	x
Trabalho adequado	x	x	
Apego aos animais	x	x	x

FORMA	SIMÕES LOPES NETO	ALCIDES MAYA	DARCY AZAMBUJA
Traje característico	x		
Alimentação	churrasco	x	x
	chimarrão	x	x
Lazer	galpão	x	x
	bolicho	x	
Linguagem típica	x	x	x